

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FERNANDA SANCHES BUSCH

O PAPEL DO PROFESSOR: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE *UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA*, DE ZIRALDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR
2018

FERNANDA SANCHES BUSCH

O PAPEL DO PROFESSOR: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE *UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA*, DE ZIRALDO

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de TCC II, do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Pato Branco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês.

Orientador (a): Profa. Msc. Márcia Oberderfer Consoli
Coorientador (a): Profa. Dra. Franciele Clara Peloso

PATO BRANCO
2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): FERNANDA SANCHES BUSCH

Título: O PAPEL DO PROFESSOR: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PROFESSORA
MUITO MALUQUINHA, DE ZIRALDO.

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em 19/06/2018, pela comissão julgadora.

Profa. Ma. Márcia Oberderfer Consoli
Orientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Dra. Franciele Clara Peloso
Coorientadora e Membro da Banca Examinadora

Profa. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO

Profa. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

Profa. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo TCC Portaria 295 01/09/2015

Nota: O documento original e assinado pela Banca Examinadora encontra-se na Coordenação do Curso de **Letras da UTFPR** Campus Pato Branco.

AGRADECIMENTOS

Finalmente está chegando ao fim uma das fases mais importantes da minha vida, a caminhada acadêmica. Dela inúmeras pessoas fizeram parte, muitas estiveram ao meu lado me apoiando e me ensinando. Ao longo desses quatro anos não aprendi apenas a ser uma boa profissional, como também a melhorar como ser humano.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me iluminado durante esse processo. À minha família, isso tudo é por eles e para eles. Mesmo que por muitas vezes não entendessem o que estava se passando, sempre acreditaram em mim e mesmo sem perceberem, me deram forças para continuar. Em especial a minha mãe, que se dedicou imensamente de todas as formas para que eu chegasse a essa conquista.

Aos meus queridos professores, sem eles nada disso teria sido possível. A dedicação e doação com que transmitiram seus conhecimentos, jamais serão esquecidas. Agradeço, em especial, às minhas orientadoras Márcia Oberderfer Consoli e Franciele Clara Peloso, por todo o carinho e paciência na realização deste trabalho, obrigada. E por fim, aos colegas, que fizeram parte desses quatro anos. Particularmente à minha colega e amiga Kelli, por todo o apoio nessa reta final, sem você eu não teria conseguido.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

(FREIRE, 2010, p. 24)

“[...] ler é mais importante do que estudar”.

(ZIRALDO, 2012, capa)

RESUMO

BUSCH, Fernanda Sanches. . **O papel do professor: algumas reflexões a partir de *Uma professora muito maluquinha*, de Ziraldo**. 2018. 39 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Câmpus Pato Branco – PR.

O presente estudo é o resultado da reflexão e análise de aspectos referentes ao papel do professor no livro de Literatura Infantojuvenil *Uma professora muito maluquinha*. Em vista disso, optou-se por realizar este estudo por existir poucos trabalhos sobre a formação docente e o papel do professor no Curso de Letras da UTFPR – Câmpus Pato Branco. Em um primeiro momento, é falado sobre a vida do autor como escritor de livros para o público infantojuvenil. Em seguida, é realizado um apanhado geral sobre a Literatura Infantojuvenil e a sua importância na formação crítica das crianças e adolescentes. Posteriormente, é feito um estudo referente ao papel do professor, com considerações sobre algumas metodologias utilizadas. E por fim, são apresentados tópicos da obra analisada. A pesquisa se desenvolveu por meio de estudo bibliográfico, utilizando como principais autores: Paulo Freire (2005/2010), Lajolo e Zilberman (2009), entre outros. Por meio deste, constatou-se que é importante que o professor, assim como a Professora Maluquinha, busque sempre inovar nas suas aulas, a fim de ensinar os alunos a serem cidadãos críticos.

Palavras-chave: Profissão docente. Papel do professor. Literatura Infantojuvenil.

ABSTRACT

BUSCH, Fernanda Sanches. **The role of the teacher: some reflections from *Uma professora muito maluquinha*, de Ziraldo**. 2018. 39 p. Final paper. Federal Technological University of Paraná (UTFPR) – Câmpus Pato Branco – PR.

The present study is the result of the reflection and analysis of aspects related to the role of the teacher in the book of Children's Literature *Uma professora muito Maluquinha*. It was decided to carry out this study because there are few studies about the teacher training and the role of the teacher in the Curso de Letras of UTFPR - Câmpus Pato Branco. At first, it is talked about the life of the author as writer of books for the children's audience. Then, a general overview is given on Childhood Literature and its importance in the critical formation of children and adolescents. Subsequently, a study is made regarding the role of the teacher, with considerations about some methodologies used. Finally, topics of the work analyzed are presented. The research was developed through a bibliographical study, using as main authors: Paulo Freire (2002/2010), Libâneo (2001), Lajolo and Zilberman (2009), among others. Through this, it was found that it is important that the teacher, as well as Professora Maluquinha, always seek to innovate in their classes, in order to teach students to be critical citizens.

Keywords: Teaching profession. Role of the teacher. Children's Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O código alfabético.....	24
Figura 2: A Professora Maluquinha	30
Figura 3: A professora “perfeita”	31
Figura 4: As “velhas” professoras.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ZIRALDO E UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA	12
1.1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL	12
1.2 A PROFESSORA MALUQUINHA	14
2 O PAPEL DO PROFESSOR NA OBRA E NA ATUALIDADE	17
2.1 A EDUCAÇÃO BANCÁRIA E A EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA.....	18
2.1.1 Educação Bancária	19
2.1.2 Educação Problematizadora	20
2.2 A PROFESSORA MALUQUINHA E A EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA .	21
3 A VIDA REPRESENTADA NA OBRA	24
3.1 FATOS REAIS PRESENTES NA OBRA.....	24
3.2 OS MEIOS EXTERNOS NA OBRA	25
4 A CONSTRUÇÃO DA PROFESSORA MALUQUINHA	29
4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DA PERSONAGEM	29
4.2 A PROFESSORA MALUQUINHA EM UM CONTRASTE COM AS PROFESSORAS “VELHAS”	31
4.3 METODOLOGIAS UTILIZADAS PELA PROFESSORA MALUQUINHA	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

O papel do professor é fundamental, principalmente na formação de crianças e adolescentes. Dessa forma, sabendo que o docente exerce tamanha importância na sociedade, discutir as suas práticas, bem como o perfil do docente na atualidade, é fundamental em um curso de licenciatura. Sendo assim, com esse trabalho pretende-se refletir sobre tais aspectos com a intenção de fazer com que não somente os professores, mas que também os graduandos de licenciatura pensem a respeito da sua formação como docentes.

Este trabalho deseja mostrar tal importância do educador por meio da Catarina, personagem da obra de literatura Infantojuvenil *Uma professora muito Maluquinha*, de Ziraldo. A professora Maluquinha utilizava-se de práticas pedagógicas muito avançadas para a época em que a história se passou (década de 1940), considerando as práticas utilizadas por outras docentes no mesmo período.

Com o passar dos anos, o professor precisou aprender a transformar sua prática docente, pois, como o mundo mudou, fez-se necessário mudanças também na educação. Com isso, as práticas pedagógicas foram avançando e se tornando, obviamente, cada vez mais modernas.

Sendo assim, esta monografia possui o objetivo de desenvolver uma análise da obra *Uma professora muito maluquinha* refletindo sobre a prática docente adotada pela professora Catarina, o que levou a personagem a ser considerada “maluquinha”, assim como a forma com que o autor apresenta essa personagem. E, ainda, considerando os professores da atualidade e suas práticas docentes se, hoje, ela seria vista como maluquinha.

O trabalho foi organizado em quatro capítulos para facilitar a exposição dos tópicos apresentados e analisados. O primeiro capítulo trata de um apanhado geral dos três cenários que envolvem a obra. Primeiramente, é falado sobre a vida do autor, Ziraldo. Depois, é feita uma contextualização da Literatura Infantojuvenil brasileira, desde seu surgimento até os dias atuais. Posteriormente, é realizada uma apresentação inicial da Professora Maluquinha como docente, para que os leitores possam se familiarizar com a personagem.

O segundo capítulo é reservado para a teoria da profissão docente, tratando da professora apresentada na obra e das teorias de prática docente atuais. Inicialmente é realizada uma breve introdução da docente da obra e da docência de hoje, em

seguida, é tratado da teoria de Paulo Freire referente à Educação Problematicadora e à Educação Bancária. Assim, é falado sobre cada uma das duas teorias. Por fim, é feito uma ligação das práticas adotadas pela Professora Catarina com a Educação Problematicadora, fazendo uma reflexão se as metodologias utilizadas por ela poderiam se aproximar da teoria de Paulo Freire.

No terceiro capítulo, é realizada a análise das influências pessoais do autor na obra e as influências externas, de acontecimentos da década de 1940 e que o autor coloca na obra, assim como, alguns comentários inapropriados para os dias atuais que aparecem no decorrer do livro, como alguns de cunho preconceituoso e machista.

O quarto e último capítulo trata, mais especificamente da análise, que foi feita com base nos dois capítulos anteriores. Assim, nesse capítulo são analisados aspectos da obra. Inicialmente é elaborada uma construção da Professora Catarina, desde como ela é retratada na obra, por meio das ilustrações, até o motivo de Ziraldo tê-la desenhado da forma como ilustrou. Ainda, é formada uma comparação entre a Professora Maluquinha e as professoras “velhas”, termo utilizado por Ziraldo. Na sequência, é comentado sobre as metodologias utilizadas pela professora no decorrer do livro.

A pesquisa se desenvolveu por meio do método qualitativo baseado em pesquisas e análises bibliográficas com o apoio de livros, bem como de artigos eletrônicos. Como referência foram utilizados alguns autores da Literatura Infantojuvenil e outros que tratam da docência, dentre eles: Paulo Freire (2005/2010), Libâneo (2001), Lajolo e Zilberman (2009), entre outros.

Vale destacar a relevância desta pesquisa, pois, refletir sobre o papel docente é, também, uma maneira de aprender, visto que, ao parar para pensar no que está acontecendo atualmente na educação, pode-se observar os erros e acertos, assim como o que pode ser melhorado.

Sendo assim, por meio de uma personagem da literatura pretendeu-se explorar esse tópico da formação do professor, vertente que nos últimos tempos está sendo pouco discutida em cursos que formam professores, quando deveria ser um dos pontos mais explorados.

1 ZIRALDO E UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA

Para este capítulo foram retiradas algumas informações do site oficial do autor. Onde consta que Ziraldo Alves Pinto nasceu no ano de 1932, em Minas Gerais. Além de escritor, também é cartunista, jornalista, autor de peças de teatro e desenhista.

O autor foi uma criança bastante precoce, começou a desenhar cedo e teve seu primeiro desenho publicado na Folha de Minas quando tinha apenas seis anos de idade. Mais tarde, ingressou na Faculdade de Direito na UFMG, quando começou a compor efetivamente a revista infantil *Era uma vez*.

Adiante, Ziraldo passa a interessar-se pelo mundo da literatura infantil, que foi quando passou a ganhar maior reconhecimento. Sua primeira obra totalmente original, criada inteiramente por ele foi *Flicts*, lançada em 1969.

A partir disso, o autor passa a dedicar-se ao público infantil, lançando inúmeras obras. Uma das mais conhecidas, que foi adaptada para o cinema, televisão e peça teatral, foi *O menino maluquinho*. Com essa obra, Ziraldo recebeu sua maior consagração como autor infantil na Bienal do Livro de São Paulo, em 1980.

O livro *Uma professora muito maluquinha* que servirá de análise para este trabalho, foi um dos grandes destaques do autor. Nessa obra Ziraldo já na capa expressa aos leitores o motivo de tê-la escrito. O motivo em questão seria atender ao pedido de algumas professoras que solicitaram ao autor que transformasse em livro as suas ideias sobre a arte de ler e escrever, assim como, sobre alguma professora que tenha aberto os olhos dele para o mundo. Assim, nasceu a obra *Uma professora muito maluquinha*, que de maluquinha não tinha nada.

Na obra que aqui será analisada o autor apresenta algumas particularidades da sua vida pessoal, tanto que até reservou a última página do livro para elencar tais aspectos. Ele comenta sobre a influência ao criar fisicamente uma Professora Maluquinha, cita jogos de sua infância e homenageia uma de suas professoras.

1.1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL

A obra de Ziraldo, é categorizada no âmbito do que chamamos de Literatura Infantojuvenil. Sob essa perspectiva, de acordo com Coelho (2009), podemos afirmar que esse tipo específico de literatura tem uma tarefa fundamental: a de servir como agente de transformação.

É importante destacar que a Literatura Infantojuvenil brasileira teve mais destaque no início do século XX. Antes disso, as obras para crianças eram trazidas de outros países e traduzidas, pois, no Brasil não havia escritores que publicavam tal gênero.

Dessa forma, grande parte do início da Literatura Infantojuvenil brasileira começou por meio de adaptações do acervo literário de obras europeias, de acordo com Lajolo e Zilberman

O primeiro deles dá-se através de diferentes (e progressistas) formas de adaptação, tal como ocorre com os dois projetos editoriais que, praticamente, abrem e fecham o período 1894, com seus Contos da Carrocinha, o famoso Figueiredo Pimentel, cronista da Gazeta de Notícias, inaugura a coleção Biblioteca Infantil Quaresma que, ao longo dos vários títulos, vai fazendo circular, entre a infância brasileira, as velhas histórias de Perrault, Grimm e Andersen. (2009, p. 31).

O primeiro autor brasileiro de grande destaque infantil foi Monteiro Lobato. O autor que já escrevia obras de literatura para adultos, mostrou-se “preocupado com a literatura infantil” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 31) pois, acreditava que havia “[...] necessidade de se escreverem histórias para crianças numa linguagem que as interesse.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 31)

Dessa forma, em 1920 publica *A menina do narizinho arrebitado*, livro que começa a ser utilizado nas escolas públicas de São Paulo. A partir de então, o escritor passa a se dedicar mais sucessivamente à Literatura Infantil.

Ao criar o *Sítio do Picapau Amarelo*, Lobato possibilitou uma literatura inovadora para o mundo infantil, uma literatura cheia de fantasias e, ainda, temas relevantes sobre o Brasil, que por muitas vezes as crianças não tinham acesso. Conforme Lajolo e Zilberman (2009, p. 55), o autor nos mostra e fixa personagens que farão parte de inúmeras aventuras, como por exemplo:

[...] é o Sítio do Picapau Amarelo, propriedade de Dona Benta, que vive originalmente acompanhada de sua neta, a menina Lúcia, conhecida por Narizinho, e de uma antiga cozinheira e fiel, Tia Anastácia. Trata-se de uma população pequena para preencher um cenário tão grande, mas as personagens multiplicaram-se rapidamente, com a inclusão de outros seres humanos (Pedrinho), seres mágicos (os bonecos animados Emília e Visconde), animais falantes (o porco Rabicó, o burro Conselheiro e o rinoceronte Quindim), sem falar dos eventuais seres aquáticos, habitantes do Reino das Águas Claras, localizado nas cercanias do sítio, ou dos visitantes mais ou menos habituais, como Peninha, o Gato Félix ou o Pequeno Polegar. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 31).

Com o *Sítio do Picapau Amarelo*, Monteiro Lobato nos apresentou personagens que fizeram e fazem parte de gerações e gerações desde a época do seu lançamento. Dez anos depois, Lobato escreve mais histórias a partir da sua obra inicial. Em 1931 publica *Reinações de Narizinho* e partir daí, nasce uma nova etapa da Literatura Infantil nacional, com a aparição de novos autores.

É nos anos 1970 que a Literatura Infantil ganha bastante destaque, pois o Instituto Nacional do Livro (fundado em 1937) passa a coeditar um número expressivo de obras de Literatura Infantojuvenil. O que foi visto como um investimento significativo voltado à população escolar. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009)

Foi nessa mesma época que muitos autores já consagrados, como Vinícius de Moraes e Cecília Meireles, passaram a escrever também para o público Infantojuvenil. Ambos os autores escreviam poemas para as crianças, o livro infantil mais famoso de Vinícius é *A arca de Noé*, publicado pela primeira vez em 1980, e o de Cecília é *Ou isto ou aquilo*, publicado em 1964.

A partir de então, a Literatura Infantojuvenil esteve em ascensão. Novos autores, hoje renomados, como o próprio Ziraldo, Ana Maria Machado, Maurício de Souza, Lygia Bojunga e outros, foram surgindo e lançando livros com temas e assuntos cada vez mais atuais, a fim de mostrar como a literatura pode tornar a criança um ser pensante e crítico e, conforme já mencionado, servindo como fonte de transformação.

1.2 A PROFESSORA MALUQUINHA

A obra em estudo foi publicada por Ziraldo no ano de 1995, contudo, a história se passa em meados da década de 1940, em uma cidade do interior. Já no início do livro, o autor nos apresenta aquela que será a professora maluquinha, a Catarina:

Era uma vez uma professora muito maluquinha. Na nossa imaginação ela entrava voando pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar. Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação). Seu riso era solto como um passarinho. Ela era uma professora inimaginável. Para os meninos ela era artista de cinema. Para as meninas, a Fada Madrinha. (ZIRALDO, 2012, p. 5-13)

Desde o início Ziraldo já nos mostra a doçura da professora e, faz com que o leitor também se apegue à personagem. Ele se utiliza de várias páginas do livro

apenas para mostrar características de Catarina ou, o que os alunos imaginam dela, como pode-se perceber no trecho acima em que ele traz o termo “na nossa imaginação”. Com isso, pode-se inferir que o autor quer nos mostrar a personagem pronta, pois quando ele nos traz “tinha voz e jeito de sereia” (2012, p. 8), na ilustração já aparece a professora em forma de sereia.

Mais adiante, Ziraldo já começa a nos mostrar a prática docente diferenciada da personagem, como no momento em que ela resolve inovar ao fazer a chamada da turma:

A primeira chamada que ela fez foi assim: mandou cada um de nós escrever o nome de um outro aluno. O nome por inteiro. “Grande vantagem saber escrever seu próprio nome” – ela brincou. Depois embaralhou os nomes de todos nós e mandou que a gente arrumasse tudo direitinho na exata ordem do ABC. (ZIRALDO, 2012, p. 23).

A partir daqui o leitor já pode perceber que durante a obra o autor vai nos apresentar uma professora que utiliza uma prática didático-pedagógica muito avançada para a época em que se passa a história e, é por esse motivo que ela é considerada maluquinha, principalmente pelas outras professoras da escola.

Em 1940, as práticas utilizadas por grande parte de professoras eram tradicionais, em que o professor apenas transferia o conhecimento aos alunos. E, ainda, a igreja era muito presente nas escolas, como no próprio livros nos é apresentado

Acontece que o Padreco era o professor de catecismo do grupo escolar e havia proibido a leitura de histórias de quadrinhos. Segundo o Padreco, gíbi era pecado. (ZIRALDO, 2012, p. 46).

Essas (outras) professoras são apresentadas para os leitores como “as velhas professoras” (2012, p. 38), o que pode ser não somente uma alusão a idade dessas professoras, em comparação com a idade da Catarina, mas também, pelas “velhas” práticas docentes adotadas por elas:

Este “velhas” pode até referir-se à idade das outras professoras em relação a idade da professora Maluquinha que estava em início de carreira, mas não há como não pensar na escolha deste vocábulo para classificá-las como professoras “chatas”. (MARTINS, 2012, p. 6, grifos do autor).

Ao adotar práticas diferentes das outras professoras, a professora Maluquinha mostrou-se muito eficaz no seu trabalho docente. Com ela, os alunos aprenderam a

ler com maior rapidez e também sentiam mais vontade de ir para a escola, pois cada aula era uma surpresa diferente. Essa afirmação pode ser corroborada com a seguinte passagem da obra:

Foi quando ela inventou a Máquina de Ler. Era uma bobina de papel de embrulho da loja de um tio, onde foi, engenhosamente, adaptada uma manivela. O começo do rolo de papel deixava ver escrito, em letras grandes, em versos que nunca esquecemos. Então, ela foi fazendo o rolo girar e a gente viu que estava vindo ali um poema escrito de baixo para cima, um verso sobre o outro. E ela foi girando, lentamente, a manivela e mandando a turma ler o poema em voz alta. (ZIRALDO, 2012, p. 54 - 55).

Com esse exemplo, fica nítido como a professora Maluquinha estimulava os seus alunos, sempre de maneira criativa. Dessa forma, Ziraldo nos apresenta uma docente que está sempre em busca da inovação, para que em suas aulas “diferentes”, os alunos sejam incentivados a querer aprender.

Mesmo que “sem querer”, Ziraldo construiu uma personagem que tem na sua prática docente um dos saberes considerados indispensáveis por Paulo Freire, que é o momento em que o formador se convence “[...] definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção. ”. (FREIRE, 2010, p. 24, grifo do autor)

Utilizando-se de muita criatividade nas suas aulas, a professora maluquinha sempre despertava a curiosidade dos educandos, o que fazia com que eles quisessem aprender mais. Ou seja, a educadora não transferia o conteúdo na sala de aula, mas incentivava os seus alunos a buscarem, por si só, o conhecimento.

2 O PAPEL DO PROFESSOR NA OBRA E NA ATUALIDADE

Em seu livro *Uma professora muito maluquinha*, Ziraldo nos mostra uma professora que apresenta uma prática avançada e progressista para a época em que a história acontece, década de 1940, e que por esse motivo era constantemente criticada pelas outras professoras da escola em que lecionava.

Diferente daquela época, em que apenas o modelo tradicional era considerado o “correto”, atualmente, não há uma prática pedagógica melhor ou pior que a outra ou uma mais ou menos eficiente que outra. Sabemos que não há um modelo único de ensino, por esse motivo, não há um modelo ideal.

Contudo, é importante pensar que a escolha por um modelo de prática educacional tem muita relação com a posição política ou ideológica do professor. Na obra, por exemplo, ao se contrapor com a didática tradicional utilizada por todas as outras professoras, Ziraldo possivelmente estava fazendo uma crítica ao governo ditador da época, tendo por esse motivo, utilizado a década de 1940 no livro e uma professora que se opunha ao sistema autoritário da época. Visto que o governo ficou desobrigado de dar suporte à educação pública.

Na década em que o livro acontece, o Governo Vargas já havia implantado o modelo de “Escola Nova”, que, segundo Saviani

[...] organizou-se basicamente na forma de escolas experimentais ou como núcleos raros, muito bem equipados e circunscritos a pequenos grupos de elite. No entanto, o ideário escolanovista, tendo sido amplamente difundido, penetrou nas cabeças dos educadores acabando por gerar consequências também nas amplas redes escolares oficiais organizadas na forma tradicional. (1985, p. 14).

Com esse modelo de educação, as consequências foram

“[...] mais negativas que positivas uma vez que, provocando o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares as quais muito frequentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento”. (SAVIANI, 1985, p. 14).

E, obviamente, a qualidade de ensino para a elite cresceu.

Assim, com a Professora Maluquinha que estava indo contra o sistema imposto, Ziraldo nos apresenta uma professora que ao buscar inovar durante as aulas, compreende que não deve transmitir todo o conhecimento aos alunos, mas sim incentivá-los na busca por tal. O papel do professor, nada mais é que ensinar ao aluno o pensar, o descobrir e o tornar-se crítico.

Paulo Freire, traz exatamente esse aspecto no livro *Pedagogia da Autonomia*, quando comenta que:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2010, p. 21)

Se antigamente a ideia era de que o professor era apenas o transmissor, aquele que estava acima de qualquer outro na sala de aula, hoje é diferente. Atualmente, se faz necessário que exista uma troca entre os dois lados, o professor e o aluno. O educando precisa também dividir suas opiniões e conhecimentos, a troca entre os papéis tem a necessidade de ser mútua, porém, sempre se respeitando a devida hierarquia.

Portanto, o papel do professor está nessa troca de saberes. O estudante dificilmente irá se interessar por uma aula em que o docente apenas “despejar” conteúdo, mas estará atento em uma aula inovadora, em uma aula em que ele pode, de fato, fazer parte.

A partir disso, serão colocadas as teorias de Educação Bancária e Educação Problematizadora. Para que exista um embasamento teórico ao se tratar da educação na atualidade.

2.1 A EDUCAÇÃO BANCÁRIA E A EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire nos mostra dois modelos de educação existentes, sendo eles a **educação bancária** e a **educação problematizadora**.

O autor critica a educação bancária, pois, para ele não é o modelo considerado ideal de educação, quando comenta que:

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. (FREIRE, 2005, p. 67)

E ainda, Freire citado por Pitano (2017, p. 06) defende que na educação problematizadora existe a libertação dos seres oprimidos pela educação bancária, quando esses passam a compreender que na busca pelo conhecimento se tornarão, de fato, seres pensantes.

Todo conhecimento traz consigo uma mudança na realidade, pois “leva os homens a conhecer que sabem pouco de si mesmos”, possibilitando que “ponham a si e seus conhecimentos como problema” (FREIRE, 2001, p. 95, grifo do autor)

Sendo assim, a seguir conheceremos a teoria que envolve esses dois modelos de educação abordados por Paulo Freire.

2.1.1 Educação Bancária

O conceito de educação bancária, é bastante simples. É o modelo de educação em que o educador apenas transfere e deposita o conhecimento para os estudantes. Não há diálogo, não há troca de ideias, existe “[...] apenas aquele que comunica ao outro, em uma relação vertical” (PITANO, 2017, p. 6).

O aluno torna-se apenas um receptor do que lhes é comunicado, como afirma Freire: “[...] a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. ” (FREIRE, 2005, p. 33, grifo do autor).

Com isso, o educador não colabora para que o educando se torne um ser crítico e pensante, pois esse modelo de ensino é totalmente mecanizado e ocorre, principalmente, pela repetição:

[...] quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém, que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação Pará, capital Belém. [...] a narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. (PATTO, 2006, p. 62).

Além disso, nessa realidade existe a concepção de que professor bom é aquele que lota o quadro negro de conteúdo e aluno bom é aquele que fica quietinho, apenas absorvendo o que lhe é imposto, conforme reitera Patto

[...] a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem

docilmente "encher", tanto melhores educando serão. (2006, p. 62, grifos do autor)

Dessa forma, entende-se como educação bancária aquela em que há apenas a transferência de conhecimento por parte do educador para o educando. A aprendizagem não acontece da maneira correta, pois, o aluno apenas decora o conteúdo que lhe é repassado. Assim, “[...] a crítica legítima à prática bancária que, **transferidora** de saber, é incapaz de promover a conscientização por não problematizar o mundo imediato”. (PITANO, 2017, p. 06, grifo nosso)

2.1.2 Educação Problematizadora

A concepção da educação problematizadora é totalmente o oposto da educação bancária. Nessa, diferentemente da anterior, o educando faz parte do processo de ensino não apenas como receptor, mas, também participa ativamente, tem voz e vez. Existe, ainda, a “[...] união entre a teoria (pensar) e a prática (agir)” (PITANO, 2017, p. 7), em que o estudante tem a oportunidade de estar “construindo sua própria compreensão da realidade.” (PITANO, 2017, p. 7).

Diversa aos interesses opressores do conceito bancário, a educação problematizadora objetiva formar seres pensantes, críticos, questionadores, conseqüentemente, problematizadores e, ainda, revolucionários. Com isso, “[...] os fundamentos da educação problematizadora pensada por Paulo Freire, tiveram e têm por objetivo esclarecer o educando de seu papel no mundo e leva-lo a perceber a presença da opressão para que possa lutar contra ela” (FOCHEZATTO; CONCEIÇÃO, 2012, p. 5).

Pitano (2017, p. 6) confirma que na educação problematizadora, pela busca de conhecimento ser sempre contínua, o indivíduo vive em “[...] um recriar constante, jamais estático” e, por isso, “[...] busca conhecer a partir de suas inquietações, das dúvidas em relação aos problemas que vão surgindo em seu contexto”.

Dessa forma, é a partir dessas inquietações que o indivíduo oprimido busca a sua libertação. E é nessa libertação que ele percebe que “a educação bancária “doméstica” no sentido de “coisificar” o homem. [...]na medida em que ele não se descobre enquanto ser inacabado, inconcluso e, portanto, em condição de “ser mais” (FOCHEZATTO, CONCEIÇÃO, 2012, p. 5, grifos do autor).

Entende-se assim, que só existe a mudança problematizadora/libertadora, a partir do momento em que o ser oprimido se dá conta de tal opressão.

Na esfera educacional, cabe aos professores colocarem a educação problematizadora em prática, pois, assim teremos cidadãos que, de fato, são críticos ao que acontece em seu meio e dessa forma, tornar-se-ão aptos a lutar contra a opressão.

2.2 A PROFESSORA MALUQUINHA E A EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA

Viu-se no capítulo anterior algumas características da prática docente adotada pela professora Maluquinha, personagem de Ziraldo que norteia esta pesquisa. Sabe-se que a docente se utilizava de uma prática bastante avançada para a época em que a história se passa. E ainda, notou-se que sua prática pode ser caracterizada como educação problematizadora. Sendo assim, neste tópico serão colocados alguns aspectos que podem comprovar essa ideia.

A prática docente passou por mudanças no decorrer dos anos. Antigamente, ao professor cabia a função de apenas transmitir o conhecimento e ao aluno a função de decorar aquilo que foi repassado, sendo assim, o método da repetição, a educação bancária.

Com o passar do tempo e as mudanças constantes que o mundo viveu e vem vivendo, essa forma tornou-se antiquada, fazendo com que o educador buscasse novos métodos. Dessa forma, passou-se a acreditar que o conhecimento não deveria ser repassado, mas sim, uma busca do próprio indivíduo. E mesmo na época em que a história se passou, 1940, a professora Maluquinha já apresentava essa metodologia problematizadora, ensinando o aluno a aprender, a buscar o seu próprio conhecimento.

A professora Maluquinha utilizava-se de muita criatividade nas suas aulas, ela estava sempre buscando a inovação, o que despertava constantemente a curiosidade dos seus alunos e, assim fazia com que eles quisessem sempre aprender mais.

E tanto se falou de História Antiga, dos tempos de antes de Cristo, de romanos e de gregos, de egípcios e de princesas que, um dia, a Ana perguntou: “Professora, onde é que a gente pode ler **mais** sobre isto?” [...] Mas a pergunta da Ana valeu: o rosto da professorinha iluminou-se mais ainda. E, como um anjo que era, ela saiu voando pela sala, tomou a Ana nos braços e começaram a dançar. E ela cantava uma canção na hora e que dizia assim: “Era tudo o que

eu queria ouvir... tudo o que eu queria ouvir! ” (ZIRALDO, 2012, p. 66-67, grifo nosso).

Aqui fica nítida a alegria da professora ao atingir o seu objetivo: o de incentivar os seus alunos na busca do seu conhecimento, a querer aprender mais. No momento em que Ana pede onde eles poderiam ler “mais” sobre isso, nos mostra que a professora não estava apenas “despejando” o conteúdo nos seus alunos, mas mostrando que por si só eles também podem buscar e conseqüentemente, aprender.

Entende-se, portanto, que cabe ao professor ajudar “[...] o aluno a transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento por meio de meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores. ” (LIBÂNEO, 2001, p.29).

Essa é justamente a forma como a Professora Maluquinha é mostrada aos leitores, com Ziraldo descrevendo essa didática da professora no decorrer do livro. Conforme citação presente na página 14 deste trabalho, a primeira atividade da educadora com os seus alunos já é realizada de maneira diferente, entendendo que ao fazer tal tarefa da maneira mecânica de sempre, seria apenas uma repetição diária. Sendo assim, a docente dedica um tempo da aula para uma prática considerada normal no dia a dia, mas que pode ser mais uma forma de aprendizado para os educandos:

Gastamos quase a aula inteira só para descobrir que o nome de um colega nosso chamado Pedro da Silva Marins tinha que ficar na frente do nome de outro colega que – imaginem só! – chamava-se Pedro da Silva Martins. Em compensação, ficamos craques em dicionários e catálogos (ZIRALDO, 2012, p. 23-24).

Aqui nota-se que a professora não fez a tradicional chamada na sala de aula, em que ela chama e os alunos apenas respondem. Ela fez mais, fez com que eles pensassem, fizessem e aprendessem. Ela cria, e ao invés “[...] de repetições enfadonhas, cópia de textos e ditados que, normalmente, deixavam os alunos aflitos e nervosos, a docente optava por várias atividades lúdicas, como forca, jogo do começo, jogo da rima, caça-palavras, que auxiliavam no processo de alfabetização”. (MARTINS, 2012, p. 5).

Nessas atividades lúdicas, a professora estava sempre inovando, o que despertava o interesse por parte de seus alunos, conforme poderá ser notado no terceiro capítulo deste trabalho.

Sendo assim, não se pode afirmar que Ziraldo conhecia profundamente tais práticas educacionais (bancária e problematizadora) que tratamos nesse trabalho a

ponto de tê-las utilizado como embasamento ao retratar a Professora Maluquinha. Contudo, é nítido que a professora anuncia a possibilidade da utilização de uma prática que se aproxima da libertadora.

Um dos principais aspectos presentes na prática da professora, que é fundamental na Educação Problematizadora é a “autonomia” que ela oportuniza aos seus alunos, quando os torna seres pensantes, não apenas receptores. Os alunos da professora eram seres oprimidos pelo sistema da educação tradicional, visto que anteriormente tinham aula com professoras tradicionais, e por ela são “libertados” quando os torna cidadãos pensantes. Os alunos não apenas ouviam, mas participavam ativamente das aulas. Esse aspecto poderá ser observado no capítulo seguinte.

3 A VIDA REPRESENTADA NA OBRA

Durante a leitura do livro, é possível observar algumas influências pessoais da vida de Ziraldo representadas na obra. Tanto que o autor utiliza a última página para expor fatos da sua vida pessoal que aparecem na narrativa aqui analisada, capítulo denominado *A história da história*.

Ainda, em várias ilustrações ele nos mostra itens da época em que a história acontece (1940), como propagandas/anúncios e até mesmo os filmes e gibis. A seguir serão apresentados alguns exemplos.

3.1 FATOS REAIS PRESENTES NA OBRA

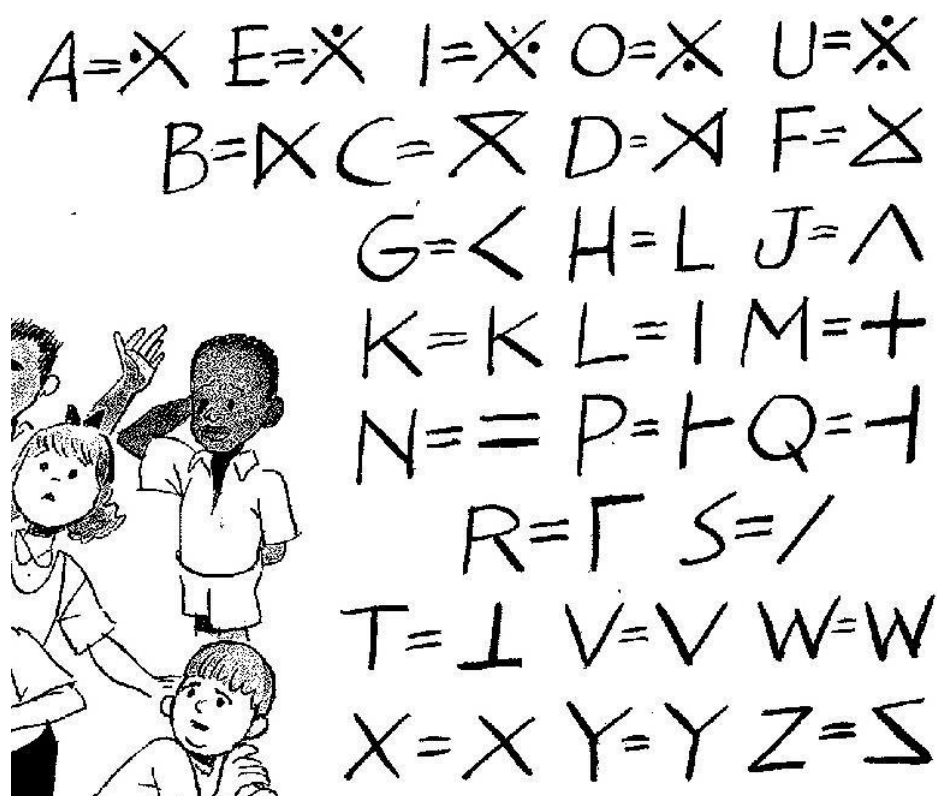
Um dos principais aspectos da vida pessoal de Ziraldo que se pode observar na obra, que já foi comentado neste estudo e que o próprio autor confirmou, foi a construção da Professora Maluquinha, tanto na sua imagem física quanto na escolha da metodologia utilizada por ela em suas aulas.

A aparência física da professora foi inspirada nas “mulheres de Alceu”, ilustrador e grande amigo de Ziraldo. Ele mesmo menciona que as leitoras podem achar a professorinha “elegante demais para uma professora do interior” (ZIRALDO, 2012, p. 119), contudo, acrescenta que a professora é dessa forma na imaginação dos seus alunos e construída, em todos os detalhes, a partir de pedaços de desenhos de Alceu.

Por exemplo, na página 27 do livro há duas palavras no jogo da força que estão quase completas, sendo elas: *pterodáctilo* e *istmo*. Em *A história da história*, o autor comenta que na sua época de escola ele “enforcava” muitos dos seus colegas com essas palavras.

O código alfabético que é citado algumas vezes durante o livro e demonstrado na carta de despedida da professora (vide página 23), foi inventado pela mãe do próprio autor. Ao comentar alguns fatos da obra, Ziraldo conta que a mãe o utilizava para escrever memórias secretas e bilhetinhos para as filhas, e que depois os netos também passaram a utilizar o código secreto da Vovó Zizinha.

Figura 1: O código alfabético



Fonte: Ziraldo, 2012, p. 111

Ainda, o autor comenta que a ideia do livro surgiu depois que algumas professoras pediram que ele “transformasse em livro suas ideias sobre a *arte* de ler e escrever e sobre as lembranças de uma professora que abriu seus olhos para o mundo.” (ZIRALDO, 2012, capa, grifo do autor)

Com isso, a partir de suas experiências Ziraldo construiu uma professora diferente e mostrou aos seus leitores por meio da Professora Maluquinha, uma grande ideia na qual ele acreditava, que ler é mais importante do que estudar.

3.2 OS MEIOS EXTERNOS NA OBRA

Sabe-se que o livro *Uma professora muito maluquinha* foi publicado em 1995, contudo, sua trama acontece na década de 1940. Dessa forma, para tornar o enredo mais “real”, Ziraldo utilizou no livro propagandas, filmes e outros acontecimentos da época.

A cidade pequena e aparentemente do interior, têm suas peculiaridades. A própria vestimenta das pessoas representadas na obra, principalmente das mulheres que usavam apenas saias e vestidos representando a moda daquele período. Outro

ambiente caracterizado na obra é a pequena praça da cidade, onde as pessoas mantinham o hábito de ler o jornal, algo bastante comum para a década retratada no livro.

Na página 14 é possível encontrar um breve “resumo” falando sobre os lugares e os principais personagens da cidade (e do livro)

A cidade onde a professorinha vivia era assim: a matriz e o cemitério no alto do morro; tinha o Padre Velho (que era o tio dela) e o Padreco (que foi um menino que o Padre Velho criou); tinha as beatas e as solteironas (que davam notícias da cidade inteira) [...] tinha o cinema e o velho dono do cinema sentado na porta, lendo seu jornal; tinha o colégio das irmãs (onde ela havia estudado pra professora) e o ginásio municipal; (ZIRALDO, 2012, p. 14)

Com todos esses pequenos detalhes colocados por Ziraldo, é possível afirmar que o autor se inspirou na forma como as pessoas viviam e nas peculiaridades que existiam nessas pequenas cidades do interior.

Adiante, nas páginas 20 e 21, Ziraldo nos apresenta diversos anúncios da época, que no contexto da história foram utilizados pela professora para uma atividade. É possível notar, também, marcas reais de alimentos, como “Biscoutos Douchen” e “Açúcar Perola”. Ainda, a “Casas Pernambucanas”, loja de departamentos popular nos dias dia hoje.

Outro aspecto bastante interessante que o autor colocou no livro, foi o português que era escrito na época. Sabe-se que houve muitas mudanças, e Ziraldo toma esse cuidado ao colocar detalhes de 1940. Os exemplos são inúmeros. Nas páginas 30 e 31 é possível encontrar outros anúncios do período retratado, neles encontram-se palavras como: *cabello*, *cabelludo*, *hygiene*, *pharmacias*, *espelho*, *desgosto*.

O autor também mostra que na época o rádio era o principal meio de comunicação, principalmente em cidades pequenas: “nossa cidadezinha era muito longe do mundo. Era a voz do rádio que nos colocava no mesmo tempo do Sol, com as notícias da guerra...” (ZIRALDO, 2012, p. 78)

Na página 78, aparecem alguns enunciados reais falando sobre acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, como “Stalingrado não caiu!”, referindo-se à Batalha de Stalingrado, e “Recrudescer a guerra no Pacífico!”.

É interessante apontar a preocupação do autor em colocar tais aspectos para tornar a obra mais verossímil aos leitores, principalmente por ser um enredo que

aconteceu há muitos anos. E são detalhes que até mesmo os leitores mais desatentos conseguem perceber, dada a importância temporal que eles trazem para a história.

3.3 COMENTÁRIOS INAPROPRIADOS NO LIVRO

Alguns elementos presentes na obra, atualmente podem ser considerados inapropriados. Acontecimentos como algumas atitudes da personagem professora, como diretamente pelo próprio Ziraldo.

Nas metodologias da professora, acontecem fatos que se ocorressem hoje, seriam vistos com o problema. Como quando ela faz uma divisão na sala de aula para uma competição entre os alunos, essa divisão acontece por aspectos físicos dos alunos, como a cor de cabelo. Em 1940 poderia ser algo considerado normal, hoje seria encarado como *bullying*.

Existem, ainda, muitos aspectos de cunho machista. Principalmente nas últimas páginas do livro, quando Ziraldo comenta como criou a imagem física da personagem. Ziraldo inspirou-se no ilustrador Alceu Penna, e comenta que “[...] ninguém as pintou mais bonitas ou parecidas com a mulher que nós sonhamos que as brasileiras são: as mais leves, as mais doces, [...] as mais sensuais, as mais graciosas do mundo.” (ZIRALDO, 2012, p. 118).

Esse comentário apresenta uma ideia machista, principalmente na frase “que **nós** sonhamos”, com o “nós”, obviamente, referindo-se aos homens. São eles que sonham com esse tipo de mulher perfeita, doce, graciososa, sensual, e é exatamente assim que a Professora Maluquinha é ilustrada no livro.

Ainda no livro, existem alguns anúncios para exemplificar algumas atividades da professora. Um desses anúncios chama a atenção pelo seu enunciado, em que diz: Alegria Rapazes (*something for the boys*). O anúncio deixa explícita as “vantagens” que o sexo masculino recebia na época. O que não se pode afirmar que é o motivo pelo qual Ziraldo escolheu tal anúncio, espera-se que seja para mostrar essa diferença entre o tratamento dos homens e mulheres. Ainda, no enunciado que aparenta ser de uma boate ou casa de shows, aparecem artistas da época, como a reconhecida Carmem Miranda.

Referindo-se à professora, o autor retrata-a como a “professora perfeita” em todos os aspectos. É ilustrada no estereótipo da mulher bonita com cabelos esvoaçantes e caracterizada como uma mulher leve, doce, sensual e graciososa, e

comparada até mesmo a uma sereia. Assim, Ziraldo a transforma na “mulher perfeita”, sonhada por “eles”, conforme comentado anteriormente.

E, ainda, no final do livro em “A História da História”, o autor comenta que “**as leitoras** vão achar a professora maluquinha elegante demais para uma professorinha do interior” (ZIRALDO, 2012, p. 119, grifo nosso). Essa é uma fala que pode ser também considerada preconceituosa, pois, as professoras do interior não podem ser elegantes igualmente às professoras da cidade grande? E ainda, existe essa necessidade de professora ser elegante?

Sendo assim, entende-se que existem aspectos na obra que, se vistos por um olhar desatento, passam despercebidos, mas entram no subconsciente. Contudo, com mais cuidado pode-se perceber preconceitos e machismo.

Evidentemente, ao ser analisada, o entendimento da obra deve ser à luz da época em que a história acontece. Porém, alguns aspectos chamaram a atenção da pesquisadora pelo cunho diferenciado que receberam ao longo do tempo e hoje não caberiam em uma educação problematizadora.

4 A CONSTRUÇÃO DA PROFESSORA MALUQUINHA

Neste capítulo, será realizada a análise da construção da Professora Maluquinha, personagem de Ziraldo. Para isso, serão explorados alguns aspectos que compõem o livro, entre eles as imagens, o texto e a metodologia de ensino utilizada pela personagem em suas aulas. Salienta-se que o livro utilizado para este trabalho é da edição de 2012.

4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DA PERSONAGEM

Já na capa podemos notar a imagem de uma professora fora dos padrões convencionais que Ziraldo vai nos mostrar em seu livro. Com o olho piscando e a língua para fora podemos identificar a conotação que a palavra “maluquinha” do título do livro traz aos leitores.

Nas ilustrações seguintes, o autor nos mostra uma imagem da professora bonita, bem arrumada e com uma alegria constante. Com os cabelos sempre enrolados e muitos acessórios, Ziraldo vai construindo a professora considerada “perfeita” pelos seus alunos.

Nas páginas finais do livro, em um breve relato denominado “A história da história”, o autor conta aos leitores como surgiu a inspiração para a criação da imagem física da Professora Maluquinha. Segundo Ziraldo, a ideia veio por meio das ilustrações de Alceu Penna, um dos maiores ilustradores brasileiros das décadas de 1940 e 1950.

Todas essas características são apresentadas na Professora Maluquinha, seja fisicamente ou na sua personalidade, por isso Ziraldo afirma que “[...] a minha Professora Maluquinha era, sem sombra de dúvida, uma Garota de Alceu. ” (ZIRALDO, 2012, p. 118).

É possível notar tais aspectos em todas as ilustrações da professora: mangas bufantes, cabelo enrolado e com topete, enchimento nos ombros, roupas floridas e a cintura sempre marcada, como pode-se observar na primeira imagem da professora no livro:

Figura 2: A Professora Maluquinha



Fonte: Ziraldo, 2012, p. 5

É interessante observar que a cada ilustração nova em que a professora aparece, ela é retratada com uma roupa diferente. Segue sempre o mesmo estilo, lenços, fitas no cabelo, brincos, saias floridas e plissadas, muitos babados, mas a roupa é sempre modificada, para assim, caracterizar a moda da época.

4.2 A PROFESSORA MALUQUINHA EM UM CONTRASTE COM AS PROFESSORAS “VELHAS”

Sabendo que o livro é uma crítica ao ensino tradicional e autoritário, o autor utilizou-se não somente do texto em si para demonstrar aos seus leitores tal aspecto, como também por meio das imagens que ele próprio ilustrou. Pois na obra as imagens transmitem aos leitores aquilo que realmente é descrito: voava como um anjo, voz e jeito de sereia, vento nos cabelos, estrelas no lugar dos olhos e sorriso solto como um passarinho. Na imagem abaixo, vemos a ilustração da página 11 em que aparecem todas essas características.

Figura 3: A professora “perfeita”



Fonte: Ziraldo, 2012, p. 11

Pelos seus alunos, a professora Maluquinha é vista como uma professora “perfeita”, e as características reforçam essa afirmação.

Por ser uma crítica à escola convencional e distante dos alunos, Ziraldo nos mostra uma professora diferente que “[...] se contrapõe às normas de uma escola tradicional. Ela é a professora e amiga dos seus alunos ao mesmo tempo.” (AUGUSTINI, 2008, p. 63).

Por outro lado, as outras professoras da história, que são consideradas “normais”, são retratadas de forma negativa na aparência física, nas vestimentas e até mesmo nas expressões, pois normalmente são apresentadas com feições emburradas ou indignadas com algum dos feitos da Professora Maluquinha, como pode-se ver na imagem a seguir:

Figura 4: As “velhas” professoras



Fonte: Ziraldo, 2012, p. 32.

Quando o autor se refere a essas outras professoras apresentadas para os leitores como “as velhas professoras”, pode ser uma alusão não somente a idade dessas professoras ou ao seu tempo de trabalho, em comparação com a idade e experiência da Catarina, mas também, pelas “velhas” práticas docentes adotadas por elas.

O autor utiliza-se da imagem dessas professoras como as “malvadas” da história para que os leitores, de certa forma, apoiem as atitudes da Professora Maluquinha e as metodologias por ela utilizadas.

Essa ideia de que as (os) professoras (es) mais experientes na profissão são antiquadas e tradicionais, pode ser vista ainda hoje nas escolas, enquanto as (os) professoras (es) jovens são consideradas as (os) mais inovadoras (es) e criativas (os), um fato que nem sempre pode ser constatado. Ziraldo recorre, por várias vezes, a esse discurso no livro e retrata aos leitores por meio do texto e das ilustrações.

4.3 METODOLOGIAS UTILIZADAS PELA PROFESSORA MALUQUINHA

Neste estudo, já foram citadas por algumas vezes as metodologias de ensino diferenciadas da Professora Maluquinha. A maneira que ela ensinava e as atividades que ela utilizava na sala de aula, fizeram com que ela fosse considerada maluquinha pelas pessoas da cidadezinha em que morava, contudo, para os seus alunos “uma professora inesquecível...” (ZIRALDO, 2012, p. 115)

Na história, a professora foi muito eficiente no seu trabalho, tanto que alcançou a sua principal meta - ensinar os seus alunos a ler. Inclusive, boa parte das suas atividades eram voltadas à leitura. E esse era um dos principais objetivos de Ziraldo ao escrever o livro: “afirmar que ler é mais importante do que estudar”. (ZIRALDO, 2012, contracapa).

Algumas das diversas atividades que aparecem no livro chamam muito a atenção do leitor. A primeira delas é a chamada nominal dos alunos de forma diferente que a professora realizou, começando com um desafio. Ela pediu que cada um escrevesse o nome de outro colega, os nomes foram embaralhados e depois eles colocaram em ordem alfabética. Essa atividade fez com que os alunos parassem para pensar no nome do colega e principalmente na forma de organizar na ordem solicitada pela professora.

Ainda, fez com que os alunos aprendessem a utilizar o dicionário e catálogos, conforme é mencionado no livro. Pois, com isso, eles conseguiram entender a organização das letras, qual vem primeiro e qual vem depois quando colocadas em ordem alfabética.

Para algumas atividades, a professora fazia competições entre dois times, começou dividindo os meninos e as meninas. Outras vezes, ela variava e colocava os

morenos contra os loiros, os magros contra os gordos e os bonitos contra os feios. Prática que, atualmente, com certeza, causaria problemas para qualquer professor.

Nas aulas seguintes ela resolveu dividir a classe em dois times. Nós adoramos! No começo era menina contra menino. Como havia dezessete meninos e dezesseis meninas, ela reforçava o time feminino. [...] outras vezes ela fazia times diferentes: louros (embora louro mesmo, só houvesse um na sala); magros contra gordos (tinha alguém gordo?); ou bonitos contra feios (aí era por eleição). (ZIRALDO, 2012, p. 25-26).

Essa divisão de times era utilizada, principalmente, em jogos. Entre esses jogos que aparecem no livro tem o Jogo da Força, Jogo das Rimas e o Caça-Palavras. Os jogos na sala de aula trazem ludicidade, o que era bastante importante para a Professora Maluquinha e, por serem executados em times, fizeram com que os alunos aprendessem a trabalhar em equipe.

O jogo do Caça-Palavras é um dos mais interessantes, pois a professora não fez da forma tradicional. Ela colocou vários cartazes na parede e os alunos encontravam as palavras naqueles cartazes. Mais do que ensinar, ela divertia os alunos: “era uma espécie de campeonato em que, em vez de correr atrás da bola, nós corríamos atrás das palavras.” (ZIRALDO, 2012, p. 31)

Como mencionado, para a professora a leitura é essencial. Por isso, muito de suas atividades eram relacionadas com o ato de ler. Ela inventou uma máquina de ler com uma bobina de papel de embrulho e, ainda, fazia aulas de leitura, onde todos na sala liam em silêncio o seu próprio livro.

E tinha a Semana do Silêncio. Era quando ela vinha para a classe, abria sobre a mesa um romance água com açúcar e ficava lendo o tempo todo. Nós ficávamos muito, muito caladinhos. É que a gente ficava lendo nossas revistinhas, nossos tico-ticos e gibis – já tinha menino lendo até Tarzan ou O Espírito – além de outras revistas que ela mesmo trazia de casa para nos emprestar. (ZIRALDO, 2012, p. 43-44).

Outra simples atividade realizada pela professora, era colocar todos os dias uma frase diferente no quadro, o aluno que cumprisse o “desafio” recebia uma recompensa: “[...] havia sempre uma frase diferente e um prêmio novo para quem lesse mais depressa. E a cada dia líamos com mais rapidez, pois descobrimos que ler era uma alegria”. (ZIRALDO, 2012, p. 37). De maneiras lúdica e divertida, a professora incentivava os alunos e mostrava a importância da leitura na vida deles.

Outro aspecto que torna a Professora Maluquinha uma docente “diferente” é a concepção que ela tem de não aplicar provas, nem mandar tarefas para serem

realizadas em casa. Ela acreditava que seus alunos não precisavam realizar provas para medir o quanto haviam aprendido: “[...] com as minhas crianças não vai ser preciso fazer provas. Todas têm condições de passar de ano”. (ZIRALDO, 2012, p. 93).

No entanto, sabe-se que as avaliações são essenciais, pois por meio delas “[...] os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e, também, reorientar o trabalho docente.” (SOUZA, 2014, s/p).

Dessa forma, compreende-se que existem inúmeras formas de se avaliar o aluno, pois “a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuições de notas.” (SOUZA, 2014, s/p)

A Professora Maluquinha não acreditava que precisava aplicar as tradicionais provas aos seus alunos, pois pode acompanhar de perto o aprendizado e evolução de cada criança. Não fica claro no livro, mas obviamente de alguma forma ela aplicou nota aos alunos, até porque isso reflete no seu desempenho como professora, como está e o que pode ser melhorado.

E quando questionada pelos pais das crianças porque não enviava tarefas de casa, ela disse que as crianças “[...] têm mais é que ler e escrever como o Rui Barbosa e fazer as quatro operações como uma maquininha registradora. Depois disso, eles vão aprender tudo num átimo”. (ZIRALDO, 2012, p. 84).

Mais importante do que saber tudo e não usar quase nada, para ela, importava saber o suficiente para aprender o que, adiante, fosse necessário para cada um dos seus alunos.

Nas aulas da Professora Maluquinha as crianças não aprenderam que:

[...] a letra B é uma consoante oclusiva e bilabial; que a extremidade do canal intestinal das aves e répteis se chama cloaca; que os principais afluentes do Rio São Francisco pela margem direita são os rios Pará, Paraopeba, das Velhas, Verde Grande, Verde Pequeno e Paramirim. (ZIRALDO, 2012, p. 94).

Mas aprenderam que:

[...] manga com leite não mata; que a *gente* quer dizer: as pessoas, nós. E que *agente* é o Detetive X-9; que o outro – quem sabe – pode estar com a razão; que acordar no meio da noite pode fazer a gente chorar sem saber por quê; que *fração* é um pedaço, é parte de uma coisa e não um mistério da Matemática. (ZIRALDO, 2012, p. 95, grifos do autor).

Mais do que ensinar a ler, escrever e calcular, a Professora Maluquinha ensinava as coisas importantes da vida: autonomia e criticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo mostrou uma análise do livro *Uma professora muito maluquinha*, do escritor brasileiro Ziraldo. Para esta pesquisa fez-se necessário a utilização de teóricos referentes à Literatura Infantojuvenil e à Prática Docente, para que, assim, houvesse maior compreensão na análise.

Neste trabalho ficou nítido que a professora Maluquinha, personagem da obra estudada, utilizava metodologias muito avançadas para a época em que a história se passou (década de 1940). E foi justamente por apresentar essas práticas diferenciadas que a professora foi apelidada de “maluquinha”.

Sendo assim, pretendeu-se mostrar a forma como a professora é apresentada aos leitores no decorrer da história, e a forma como Ziraldo a construiu, apresentando-a como uma docente que carrega o “apelido” de maluquinha e, ainda, o porquê de tal apelido.

No decorrer deste trabalho, pode-se perceber que a profissão docente precisa sempre estar em inovação. A Professora Maluquinha buscava, com bastante frequência, realizar nas suas aulas atividades diferenciadas, que chamassem a atenção dos alunos de uma forma que eles queriam sempre estar na sala de aula e aprender mais, tanto na escola quanto fora dela.

Com a análise da Professora Maluquinha como docente, foi possível perceber que o papel do professor está muito além de apenas replicar o conteúdo para os estudantes. Como professora, ela fazia com que os seus alunos pensassem, se interessassem e aspirassem sempre mais.

Atualmente, é importante que o professor pense, mesmo quando ainda está em formação, que se faz necessário adotar métodos que chamem a atenção do educando, que o façam refletir. Aplicar atividades que convenham com a realidade do estudante, colocando o aluno como o protagonista nesse processo de ensino-aprendizagem.

Sabe-se que na prática da sala de aula, nem sempre é fácil, por muitas vezes com quarenta alunos, fica complicado para o professor inovar em muitos aspectos. Contudo, é considerável ter em mente que atividades simples já podem ser um grande diferencial na vida do educando.

A professora Maluquinha mesmo sendo criticada por todos, por utilizar uma prática que ainda que fosse eficiente era vista como errada, e ir contra aquilo que era

imposto, não desistiu do que acreditava, e ao contrário do que muitos esperavam mostrou resultados eficientes.

Sendo assim, foi possível desenvolver uma análise da obra a partir de uma reflexão da prática docente adotada pela professorinha, que levou a personagem a ser considerada “uma professora maluquinha”. Por meio dessa reflexão foi possível perceber aspectos da docência na atualidade, principalmente na forma do professor educar alunos críticos, seres pensantes.

Notou-se, ainda, a importância de discutir a docência em um curso de licenciatura, mesmo que por meio de uma personagem fictícia da Literatura Infantojuvenil, parar para refletir sobre a importância do professor na sociedade é fundamental para a formação de docentes.

Por fim, espera-se que com esse trabalho surjam novas discussões a respeito da docência, visto que, por formar cidadãos críticos, o papel do professor vai além da sala de aula. E, atualmente, infelizmente não recebe o reconhecimento merecido.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTINI, Márcia Cristine. Bakhtin, gênero e o texto: Uma professora muito maluquinha. **Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. Patos de Minas: UNIPAM, (1): 57-69, ano 1, 2008. Disponível em: <<http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/38116/BakhtinGeneroETexto.pdf>>. Acesso em: 31 abr. 2018.
- COELHO, Nelly N. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz Terra, 2010.
- FOCHEZATTO Anadir; CONCEIÇÃO Gilmar Henrique da. A proposta da educação problematizadora no pensamento Paulo Freire. **IX ANPED SUL**, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1931/926>> Acesso em: 31 de abr. de 2018.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 2009.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, Valéria Bussola. A figura do professor na obra *Uma professora muito maluquinha*, de Ziraldo. **Mackenzie**, 2012. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9524/5829>> Acesso em: 18 de out. de 2017.
- PATTO, Maria Helena S. Educação “bancária” e educação problematizadora. In: **A psicologia escolar**. 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 61 – 80.
- PITANO, Sandro de Castro. **A educação problematizadora de Paulo Freire, uma pedagogia do sujeito social**. Revista UFPel, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/43774/23208>> Acesso em: 31 abr. 2018.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo, Cortez, 1985.
- SOUZA, Edna Cristina da Silva. Avaliação e a Pedagogia de Paulo Freire. **JUSBrasil**, 2014. Disponível em: <<https://ednacristinadasilvasouza.jusbrasil.com.br/artigos/112145595/avaliacao-e-a-pedagogia-de-paulo-freire>> Acesso em: 16 abr. 2018.
- ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.
- ZIRALDO. A história da história. In: **Uma professora muito maluquinha**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

